



O filme Pobres Criaturas e a performance de gênero

Nicole Emanuelle Carvalho Martins¹

Bráulio da Silva Fernandes²

Resumo

O presente trabalho buscou analisar o filme *Pobres Criaturas*, do diretor Yorgos Lanthimos, sob uma perspectiva de gênero, pela teoria da performance de gênero de Judith Butler. A partir da revisão bibliográfica e sob as lentes da performatividade, no primeiro ponto, o trabalho buscou apontar uma breve síntese do longa-metragem, como panorama geral da obra e com a indicação dos pontos selecionados a serem estudados no desenvolver da pesquisa. Após esta indicação, no segundo ponto os estudos de Judith Butler a respeito da performance de gênero foram mapeados, com a explicação daquilo que a autora denominou de atos repetitivos estilizados e ideia de subversão da performance. A partir desses entendimentos foi possível correlacionar tais estudos de gênero com as pontuações de cenas e momentos do filme que a personagem Bella Bexter dá uma nova roupagem ao esperado enquanto uma mulher da era vitoriana e tem comportamentos inadequados, sem se importar com padrões que ela deveria seguir, durante sua busca por si mesma, numa espécie de subversão. Como conclusões não limitadas, foi possível enxergar que a busca por autonomia e o desejo em conhecer o mundo fizeram da complexa personagem ambientada num filme aparentemente estranho, o campo para discutir um viés feminista, colocando em xeque os padrões da época em que se passa, e promovendo rupturas, com humor, quanto à performance de gênero.

Palavras – Chave

Pobres Criaturas; Performance de Gênero; Atos repetitivos; Judith Butler; Feminismo.

The film *Poor Things* and gender performance

Abstract

This work sought to analyze the film *Poor Creatures*, by director Yorgos Lanthimos, from a gender perspective, through Judith Butler's theory of gender performance. Based on the bibliographical review and under the lens of performativity, in the first point, the work sought to provide a brief synthesis of the feature film, as a general overview of the work and with an indication of the selected points to be studied in the development of the research. After this indication, in the second point, Judith Butler's studies regarding gender performance were

¹ Mestra em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela Puc-Rio; Especialista em Ciências Penais pela PUC-Minas; Especialista em Direito Penal pela Damásio Educacional; Bacharel em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Junior; Endereço: Rua Delfim Moreira, nº 212, Bl 2/301, Centro, Juiz de Fora-MG, CEP 36010-570; E-mail: nicoleecmartins95@gmail.com.

² Mestre em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela Puc-Rio; Professor de Direito Penal da FUPAC-UBÁ; Advogado Criminalista; Endereço: Rua Carlos Peixoto Filho, nº 160, Ubá- MG, CEP 36500-097; E-mail: brauliosilvafernandesadv@gmail.com.



mapped, with the explanation of what the author called stylized repetitive acts and the idea of subversion of performance. From these understandings, it was possible to correlate such gender studies with the scores of scenes and moments in the film in which the character Bella Bexter gives a new look to what was expected as a woman from the Victorian era and has inappropriate behaviors, without caring about standards that she should continue, during her search for herself, in a kind of subversion. As non-limited conclusions, it was possible to see that the search for autonomy and the desire to know the world made the complex character set in an apparently strange film, the field to discuss a feminist bias, calling into question the standards of the time in which it takes place, and promoting ruptures, with humor, regarding gender performance.

Keywords

Poor Things; Gender Performance; Repetitive acts; Judith Butler; Feminism.

1- Introdução

O filme *Pobres Criaturas*, obra do diretor Yorgos Lanthimos, lançado no Brasil em 2024, indicado ao Oscar de melhor filme, selecionado como objeto deste trabalho, possui muitas camadas de análise, sejam pela antropologia, psicanálise, sociologia, e pela teoria feminista especificamente aqui escolhida. É possível enxergar o filme através da lente da teoria feminista, uma vez que o longa aborda aspectos da formação da autodeterminação da personagem principal, Bella Bexter. Dentre todas as camadas que o filme poderia ser analisado, foi escolhido aqui especificamente a teoria feminista da autora Judith Butler, que estudou o tema da performance de gênero, identidade de gênero, e criticou o binarismo sexual que permeava as teorias feministas e enxergava o gênero como explicação das relações sociais entre os sexos.

Dessa forma, a pesquisa possui cunho bibliográfico e se baseou, através da lente da performatividade de gênero, nos estudos da autora, e demais autores que trataram do tema, para compreender se a personagem principal pode ser entendida como uma referência de subversão na época em que o longa é retratado.

A escolha específica pela teoria de performance de gênero de Judith Butler foi determinada por enxergar que a personagem principal do longa, Bella Bexter, retratada na era Vitoriana, embora com traços futuristas e pitorescos, se desenvolve em uma nova forma de se comportar, não se submetendo, até certo ponto, ao engessamento daquilo que deveria ser realizado, daquilo que deveria ser feito. Esse traço fica marcado no filme com a escolha do figurino da personagem, da sua movimentação corporal, dos seus comportamentos ditos inadequados, da espontaneidade que a orienta.

A subversão ao que se esperava da personagem enquanto comportamento social, vivida na era Vitoriana, demonstra que a construção de Bella foge em parte, do aspecto temporal, cultural e linguístico experienciada, vivendo uma busca incessante por conhecer o mundo e a si mesma, colocando em evidência sua complexidade, e propondo uma forma de resistência aos atos repetitivos performáticos.

Gênero é aqui neste trabalho entendido como uma ferramenta heteronormativa, baseado na heterossexualidade compulsória, esta que dá sentido ao binarismo sexual “preexistente”. Dessa forma, algumas interpretações acerca do gênero não são aqui utilizadas,



como a hipótese de construção social, por exemplo, tendo em vista uma escolha metodológica que norteia a análise. Mais especificamente neste trabalho:

O gênero precisa ser analisado como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa que é operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares, as quais produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. A heterossexualidade, assim, constitui-se como uma matriz que cultiva, confere sentido e legitimidade às diferenças sexuais “existentes” nos corpos, enquanto aparências “naturais” e dispositivos naturais da heterossexualidade dos mesmos. (VALENTE; SORDI; LIMA, 2018)

A escolha pela análise apenas da personagem Bella Bexter foi feita por entender que ela representa de forma mais evidente a questão da performance de gênero e sua subversão, e também pela sua complexidade. Com relação ao personagem Duncan Wedderburn, este também poderia ser analisado com relação à ideia da construção de masculinidade e da identidade, mas por escolha metodológica e de concentração no campo de pesquisa, não será estudado aqui.

O filme possui uma riqueza de detalhes e temas a serem investigados em um trabalho acadêmico, sob a lente da performance de gênero. Contudo, em razão da limitação do tamanho do artigo científico, foram escolhidos alguns trechos e cenas que evidenciam questionamentos atrelados à linha metodológica, por meio de referências bibliográficas e

Sendo assim, no primeiro capítulo deste artigo será feita uma breve síntese do filme que demonstram o desenvolvimento e busca pela própria autodeterminação da personagem Bella Bexter, como as relações interpessoais são estabelecidas e as experiências que vão sendo incorporada e contribuem para a formação da identidade da personagem.

No segundo capítulo será feita a explicação sobre a performance de gênero, segundo a criadora do termo e da teoria, Judith Butler, no livro, “Problemas de Gênero- Feminismo e subversão da identidade” e também sobre atos performáticos, também da autora, no artigo “Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”. Além disso, outros artigos de pesquisadores da autora também foram utilizados para compor a explicação.

No último capítulo será elaborada a correlação entre os aspectos do filme que a questão da performance de gênero é lançada à análise, e de que maneiras a personagem Bella Bexter pode ser enxergada como alguém que subverte através do excêntrico e do chocante, durante o processo de construção e desenvolvimento de si mesma, uma nova forma de fazer e de performar, no processo de estilização dos atos repetitivos, durante a era vitoriana.

2- Breve síntese do filme *Pobres Criaturas*

O filme *Pobres Criaturas* foi lançado no cinema brasileiro em 2024, pouco antes da premiação do Oscar, que inclusive concedeu à Emma Stone o prêmio de melhor atriz pela atuação no papel de Bella Bexter. O longa retrata as descobertas e novidades de uma mulher “recém-nascida” e que experimenta os prazeres-desprazeres da vida e do seu tempo, mas também como alguém que deseja traçar e seguir a sua própria liberdade.



Segundo Nathália Bottino (2024), crítica do site especializado em cinema, “Cinéfilo em série”, o longa pode ser definido como:

“[...] uma versão feminista de Frankenstein que, ao mesmo tempo em que se passa em uma época antiga, também apresenta elementos futuristas de ficção científica, um viés filosófico anticonservador, abordagens de *coming of age*, transitando entre o bizarro, o satírico e o provocativo. Pobres Criaturas (Poor Things) é uma junção de tudo isso e vai além, trazendo uma trama propositalmente desconfortável e também estranhamente bonita e reflexiva. O diretor Yorgos Lanthimos ([A Favorita](#)), conhecido por seus filmes pouco convencionais e surpreendentes, cria um mundo completamente novo e, ao mesmo tempo, extremamente familiar, nos apresentando uma jornada de autoconhecimento e descoberta do ser feminino.”

O filme, baseado no livro de nome homônimo, do autor Alasdair Gray, retratado durante a era vitoriana, com relances futuristas, ao mesmo tempo, se inicia com uma jovem mulher em cima de uma ponte, prestes a se jogar dela, o que se concretiza de fato. Logo em seguida, o personagem Godwin Bexter, de aparência desconfigurada, é apresentado. God é médico e professor universitário renomado, porém com hábitos exóticos – já indicando o caráter pitoresco que o filme pretende ir-. À medida que a trama vai se desenvolvendo, é possível perceber que Bella tem trejeitos e comportamentos como de um bebê, comendo com as mãos, balbuciando palavras, e um andar descoordenado, isto porque God encontrou o corpo da mulher que se jogou da ponte recém morta, e teve a ideia de fazer um experimento, colocando o cérebro do bebê que ela estava gestando no corpo da própria mãe e observar o seu desenvolvimento.

Uma relação de afetuosidade entre God e Bella vai sendo criada, quase como uma relação de pai de filha. Nesse contexto, God tenta de diversas formas manter Bella segura e proporcionar para ela uma vida boa. Mas Bella insiste e manifesta sua vontade de ver o mundo.

Quando Bella conhece Mr. MacCandles, auxiliar de God na tarefa de observar o desenvolvimento dela, surge uma relação de afeto entre os dois pela convivência, e um casamento é proposto por MacCandles à God. Mas aparentemente não é o que Bella desejava. Um contrato de casamento é negociado para manter Bella mais uma vez segura e o advogado, Duncan Wedderburn, fica curioso com a situação. O personagem é sedutor e envolvente, se mostrando como alguém livre das amarras sociais, e ao conhecer Bella, propõe fugirem para ela então realizar o desejo de conhecer o mundo. (Lanthimos, 2023)

Na aventura com Duncan Wedderburn, a personagem apesar de aproveitar as novidades que começa a conhecer, manifesta a vontade de se casar com MacCandles quando retornar à Londres, porque é o que parece ser o certo a se fazer. Durante as viagens com Duncan Wedderburn, Bella também descobre algumas coisas sobre si própria, principalmente com relação ao exercício da sua sexualidade.

Inicialmente Duncan Wedderburn se mostra um homem que gosta de apresentar o mundo e as experiências para Bella, mas com o passar do tempo, o personagem vai tentando moldar Bella no mundo e restringir sua liberdade e espontaneidade, enquanto ela resiste, saindo escondida, com roupas diferentes do padrão, com comportamentos ditos inadequados e dizendo o que vêm à mente. (Lanthimos, 2023)

Nesse ponto, Duncan Wedderburn vai se tornando um homem extremamente ciumento e possessivo. O personagem coloca Bella dentro de um baú e a leva com ele em uma viagem de navio, pensando que assim conseguirá algum controle sobre ela. Durante essa viagem de



barco, Bella conhece Martha e Harry Astley, com quem consegue ter conversas espontâneas, profundas e críticas.

Dessa amizade, Bella começa a ler alguns livros que a fazem questionar e pensar no mundo que até então ela conhece. Duncan Wedderburn começa a se incomodar com as novas amizades de Bella, e questiona o fato de ela estar sempre lendo e assim perdendo o jeito de falar - nesse momento do filme, Bella não fala palavras soltas mais, e consegue se comunicar de forma coesa, inclusive deixa de se referir a si mesma na terceira pessoa e passa a se tratar em primeira pessoa-. Bella diz que é uma pessoa mutável, assim como todas as outras. (Lanthimos, 2023)

Até este momento a relação de Bella e Duncan Wedderburn só piora e ela começa a vê-lo como uma pessoa cruel. Ainda durante a viagem de navio, Harry Astley diz que Bella tem medo de conhecer o mundo e propõe mostrar o mundo como realmente é para ela. Ambos descem do navio em Alexandria e Bella fica atordoada ao ver a extrema pobreza qual as pessoas ali viviam e também presencia um enterro de bebês. Como Bella deu o dinheiro para um comissário entregar aos pobres - na inocência de que eles entregariam- ela e Duncan Wedderburn são obrigados a descer no próximo porto e aí se inicia a outra parte da aventura de Bella, agora em Paris.

Sem dinheiro e sem conseguir voltarem para Londres, Bella consegue uma hospedagem se prostituindo no bordel e entende que foi uma confluência de circunstâncias, quase como destino, porque sempre se questionou por nunca ter se relacionado sexualmente com outros homens, e está naquele momento precisando de dinheiro. Duncan Wedderburn fica furioso com a prostituição de Bella, por ser para ele a pior coisa que uma mulher pode fazer. Bella acaba entendendo que ela e Duncan nunca deveriam se casar, pois ela tem espírito experimentador e precisa de um marido com mais disposição para isso. Bella encerra a aventura de ambos juntos. (Lanthimos, 2023)

De volta ao bordel, Madame Swiney enxerga Bella como uma mulher traçando a própria liberdade. No local Bella começa a questionar o sistema de escalação das mulheres, que são obrigadas a ter relações sexuais com homens mesmo achando-os desagradáveis e pensa que seria melhor se as próprias mulheres escolhessem o homem e que isso seria um sinal de entusiasmo pelo parceiro, o que obviamente não é aceito como ela queria. (Lanthimos, 2023)

O tempo passa e Bella continua trabalhando no bordel e fez amizade com Toinette, que compartilha de alguns pensamentos iguais ao dela, inclusive quanto à posição das mulheres no mundo e como fazer mudanças a respeito disso e outros temas. Duncan Wedderburn reaparece para buscá-la, mas a personagem manifesta que não quer ir embora com ele e o rejeita.

Depois disso, Duncan Wedderburn entra em contato e envia uma carta para God pedindo ajuda e então Bella é avisada sobre o estado de saúde do seu criador e retorna para Londres com mais algumas perguntas, uma delas de porque possui uma cicatriz de cesariana na barriga.

Ao encontrar God e ver que ele está morrendo, Bella comenta que está trazendo “olhos redondos e perguntas difíceis” (01:52:26), e pergunta se já teve um bebê dentro dela e onde ele está. God então explica para Bella o que aconteceu, que tecnicamente ela é o bebê dela, a mãe dela mesma e também nenhum dos dois. (Lanthimos, 2023)

Com a morte próxima de God, Bella e Mr. MacCandles se aproximam novamente e a personagem pergunta se ele quer se casar com ela, e explica que foi prostituta e ele diz que o



corpo é dela, e ela pode dispor dele. Durante a cerimônia de casamento, Duncan reaparece com General Alfred Blessington, “Alfie”, marido de Victoria, que se refere a Bella como ela. A personagem então decide ir para casa de Alfie.

Vivendo a vida de Victoria, Bella percebe que ela não era feliz com a vida que tinha no casamento, odiava a gestação, e que também não era uma boa pessoa. Também entende que Alfie é mais um homem que quer dominá-la e a fazer prisioneira na própria casa, para ele a histeria dela muitas vezes estava fora de controle, o que o motiva inclusive a contratar um médico para mutilá-la, retirando o seu clitóris, vez que entende que ele é o culpado por sua infelicidade, excesso de sexualidade e a mutilação é a solução que fará com que ela se acalme. (Lanthimos, 2023)

Ao final do filme, Bella entende que o lugar que mais a faz feliz é no centro cirúrgico, se despede de God, que morre, e se prepara para o exame de anatomia brindando com Mr. MacCandles e Toinette.

Dessa forma, com um roteiro adaptado para o cinema do livro de nome homônimo, a proposta do filme fica evidente com a trajetória da personagem Bella em busca de um entendimento sobre si e o mundo, passando de objeto de experimento, como uma pesquisa a ser observada, para sujeito de gostos, vontades e apreciadora de descobertas e explorações.

Ritter Fan, do site Plano Crítico, descreve em algumas linhas o que o longa se propõe:

Afinal, *Pobres Criaturas* é um filme sobre exploração e em todos os sentidos, vale dizer. Temos a exploração do Homem pelo Homem como comentário socioeconômico de fundo que permanece pouco explorado e também a exploração das mulheres pelos homens, em que a imutabilidade do lugar do supostamente frágil sexo é elemento central da narrativa, ganhando ótima capilaridade, com Bella sendo não só um instrumento de observação e de experimentação, como também a metafórica corrente sendo finalmente arrebatada para permitir a construção de um caminho próprio, construído a partir de suas observações, de suas experiências e, claro, de explorações tanto do que vê, daquilo que é exterior a ela, quanto e principalmente do que sente, daquilo que é interior. Sim, falo do sexo. Não do amor, mas do sexo mesmo (ou “saltos furiosos” como diz a protagonista com toda a felicidade do mundo), elemento usado indireta e diretamente como uma maneira de pavimentação da libertação feminina, com a direção de Lanthimos tráfegando por águas turbulentas e por vezes quase explícitas para deixar bem claro seu objetivo (e também do romance de Gray, importante dizer). (FAN, 2024)

Contudo, o filme também recebeu críticas com relação a alguns pontos que aborda, como a objetificação do corpo feminino. Lúcia Monteiro, do Jornal Folha Pess, (2024) acessado no Jornal “O Tempo”, reflete que o longa busca expor a violência das convenções sociais e da própria medicina, mas acaba por reproduzir a visão do corpo feminino como objeto de observação e experiência, confirmando o sadismo que buscava criticar.

Nesse sentido, o presente artigo buscará refletir no próximo capítulo a ideia de performance de gênero, de Judith Butler, na qual a autora entende que gênero não se constitui de uma verdade preexistente, e sim uma construção de suas formas de representações por meio de atos incorporados pelos atores sociais. E logo em seguida, no terceiro e último capítulo, será analisado como a personagem Bella Bexter, durante a sua busca por entender a si mesma, resiste a algumas das representações de gênero da qual é convidada, e de que maneira essa subversão pode ser entendida como parte da resistência da qual Judith Butler pontua.





3- A performance de gênero em Judith Butler

A estudiosa norte-americana Judith Butler é considerada uma expoente dos estudos sobre identidade de gênero e sexualidade. Provocadora e questionadora de algumas premissas das teorias feministas, a autora desconstrói algumas fundações das teorias feministas, dentre elas, uma das suas principais inquietações inclusive, a categoria de gênero e sua ligação com o sexo biológico – embora as teorias tenham se debruçado sobre essa diferenciação, a maneira como gênero é trabalhado não se distanciou dele.

A problematização que a autora faz com relação aos estudos de gênero dentro da teoria feminista diz respeito a vinculação em uma estrutura binária. Gênero, na visão de Butler (2019) não constitui uma parte natural do ser humano, não é uma realidade ontológica, e sim uma exposição a qual um convite constante é feito para representa-lo, o que foi denominado por ela de “performances de gênero”

As definições de gênero esboçadas até então pelas teorias feministas, baseadas na ideia de uma construção social, se aproximavam e se misturavam do termo “sexo”. Na visão de Butler (2019), gênero não é uma identidade estável, na qual diferentes ações acontecem, mas sim uma identidade constituída no tempo, por meio de uma repetição estilizada de certos atos. Então, gênero está ligado à estilização do corpo, o qual gestos e movimentos corporais foram uma ideia de um Eu atribuído desse gênero.

Gênero então deixa de ser entendido como um modelo de identidade e passa a ser contextualizado numa temporalidade social (BUTTLER, 2019). Partindo-se dessa ideia, a autora provoca a seguinte reflexão:

[...]Se os gênero são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance, em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado. (BUTTLER, 2019, p.214)

A partir dessa percepção em relação à identidade de gênero, Butler propõe uma possibilidade de saída daquele padrão de repetição desses atos, que poderiam ser: elaboração de um padrão diferente de repetição, ou na própria ruptura dessa ideia de repetição dos atos performativos de gênero.

A identidade de gênero como é entendida, nada mais é do que uma performance apoiada em sanções sociais e tabus. O gênero tem como objetivo a sobrevivência cultural, e têm performances com consequências punitivas. Os gêneros discretos fazem parte de uma exigência dos indivíduos inseridos na cultura, enquanto aqueles que falham em fazer corretamente os seus gêneros, são punidos³. Ou seja, para a autora, gênero não é um fato em si, na verdade as variadas formas de atuar do gênero criam o próprio gênero, e sem isso, não existiria gênero nenhum. (BUTTLER, 2019)

³ Mais adiante, no próximo capítulo, serão analisados alguns trechos do filme em que a personagem, Bella Bexter, performa gênero de maneiras diferentes.



O processo de construção do gênero estimula a crença formada na necessidade e na existência de uma natureza “intrínseca” dele. A existência de um acordo tácito coletivo de performar gêneros polares é ocultado pela própria forma de produção dele. Em razão disso, Buttler (2019) entende que “[...]Gênero é uma construção que regularmente esconde sua gênese [...]”.

As teorias feministas buscaram entender de que maneira as estruturas políticas e culturais, dentro de certas organizações e organismos sociais são fundadas e reproduzidas individualmente. Judith Buttler (2019) propõe nesse ponto uma reflexão, tendo em vista que os corpos são transformados em gênero por meio de atos que são constantemente renovados, da perspectiva feminista, seria possível compreender os corpos atribuídos de gênero como uma consequência desses atos consolidados, ao invés de uma estrutura predefinida, uma base ou um fato natural, cultural.⁴

Ou seja, a existência de algumas convenções socialmente definidas em certos contextos, baseadas em atos que são repetidamente vivenciados, geram a performatividade desses atos, que no trabalho em questão se refere ao gênero. A experiência, portanto, não é pessoal- não somente- mas sim calcada em uma certa hegemonia dessas condições que impulsionam a repetição desses atos.

Para Judith Buttler (2019), as normas de gênero não são revestidas de uma natureza original. Os atos que os gêneros fazem, que performam, em maior ou menor medida, já existiam anteriormente. O gênero é um ato que é ensaiado em formato de roteiro, embora existam os atores que o interpretam, mas ao mesmo tempo precisam deles para dar continuidade como realidade. Nesse sentido:

“[...] O ato que certo gênero é, os atos que certos agentes atribuídos de gênero são – e são tanto quanto dramática e ativamente incorporam, ou mesmo vestem, determinadas significações culturais – não são atos individuais. É claro que existem formas nuançadas e individuais de fazer o próprio gênero, mas esse fazer, um fazer que obedece a certas sanções prescritas, não é um processo puramente individual. [...]” (BUTTLER, 2019, p. 222)

A repetição dos atos realizada por esses atores sociais tem como consequência uma performance repetitiva, ou seja, uma reinterpretação e experimentação repetida de um conjunto de signos socialmente preestabelecidos, conforme o ritual que legitima, posiciona e justifica as leis sociais atribuídas àquele gênero.

Os gêneros não estão gravados de forma passiva nos corpos, nem são definidos pela natureza, pela língua ou pela história do patriarcado. Gênero é aquilo que, conforme Buttler (2019) indica, é colocado sob controle, diariamente, com prazer e ansiedade, mas que ao mesmo tempo, também é uma relação inovadora, e as contestações ao roteiro por meio de performances extraordinárias ou improvisadas sem justificção, são punidas socialmente.

Judith Buttler explica que gênero é uma identidade constituída sob os fatores de tempo, num determinado espaço externo, sob uma repetição estilizada de atos. A estilização desses corpos é responsável por produzir o efeito do gênero, na qual gestos e movimentos corporais constituem a atuação de um sujeito permanente e fixo, marcado pelo gênero. Nesse sentido, a autora explica que:

⁴ No filme também é possível perceber a imposição dessa atribuição no corpo da personagem Bella Bexter, que será analisado também no capítulo seguinte.





“[...] Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpo individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa ‘ação’ é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito.”. (BUTTLER, 2023, p. 242)

O uso do termo mulheres não precisa ser rechaçado, mas a expressão comporta um número de incontáveis diferenças, que não podem ser unificadas e resumidas em uma totalidade de identidades meramente descritivas. Para Valente, Sordi e Lima (2018, p. 6) “[...] De fato, o termo precisa se tornar um lugar de permanente abertura e ressignificação.”.

Ou seja, não existe um sujeito feminino predefinido – nem masculino, trans etc- nas especificidades da identidade de gênero. Essas especificidades e marcas compreendidas como resultados, são na verdade performances que estabilizam os atores sociais numa peça que converge para a coerência dos gêneros em atos repetitivos de estruturas binárias, que tem como consequência a produção de um “ser mulher”, a formação de um sujeito feminino. (VALENTE; SORDI; LIMA, 2018)

As formas como um corpo se mostra e se produz são performativos, não existindo uma identidade de gênero preexistente na qual determinado ato ou atributo possa ser avaliado, ou seja, não haveriam atos de gêneros verdadeiros ou falsos. Assim:

“[...] O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também não são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.”. (BUTTLER, p. 244, 2023)

Dessa forma, é possível entender que não existe gênero fora do quadro da performatividade. Compreendendo que o gênero não é um dado real, vários paradigmas instituídos na sociedade podem ser suspensos, como a posição sexual binária (homem/mulher) e a heterossexualidade compulsória. O papel do conceito de performatividade nos estudos de Butler está em identificar e mostrar, de muitas perspectivas, o caráter não-substancial do gênero. (RECKE, 2018)

No filme, a personagem Bella Bexter questiona seja verbalmente, seja por meio de atos exagerados, algumas imposições de movimentos, atitudes e comportamentos que ela deveria possuir segundo a posição temporal e cultural em que o longa se passa. No próximo capítulo serão abordados os aspectos indicados até aqui sobre performance de gênero e a correlação com o filme *Pobres Criaturas* na personagem principal.

4- A correlação entre a performance de gênero e a personagem Bella Bexter

O filme *Pobres Criaturas* é um filme constituído para ser livre de interpretações, seja dos atores na construção dos personagens, seja do expectador na compreensão do roteiro e na



lente de entendimento da história. Ao que parece a ideia do longa era permitir uma liberdade em ser esquisito, grotesco e também autêntico. Dentre as muitas camadas que o filme possui, uma delas e bastante evidente é a enxergar o filme através de uma lente feminista, crítica, de descobertas, auto entendimento e emancipação feminina. Neste trabalho a lente utilizada para compreender o que o roteiro se propôs é a ideia de performance de gênero de Judith Butler, como explicada no capítulo anterior.

No início do longa é possível perceber que a personagem Bella Bexter possui comportamentos um pouco diferentes dos ditos convencionais, como por exemplo bater as mãos e pés no piano, a falta de coordenação motora ao caminhar e o fato de não saber falar, apenas balbuciar palavras, já indicam para o espectador que o caminho do filme será o de provocação.

O fato de Bella possuir nesse início do filme comportamentos similares ao de um bebê, demonstra o quanto ela ainda está percebendo o mundo e necessita ser protegida, cuidada e mantida em segurança, como se espera que ocorra com crianças muito pequenas. Porém Bella possui um corpo de adulto, embora mentalmente seja um bebê. A ideia do longa ao que parece é demonstrar o processo de construção de sujeito, o desenvolvimento da personagem que queria ser livre, se entender e entender o mundo.

Embora Godwin repita em alguns momentos que vê Bella como um experimento, um objeto de observação, a vontade da personagem em adquirir autonomia cresce ao longo da trama e fica evidente como a afetuosidade que God possui por ela se desenha no formato de uma bolha que não permite a exploração de si e do mundo, definindo um recorte temporal e cultural dessa relação, na qual Bella não entende o porquê ela não pode ver o mundo como quer.

Situação similar ocorre na relação que surge entre Mr. MacCandles e Bella, em que se misturam afeto e proteção, embora mais uma vez ela demonstre que quer conhecer o mundo e Mr. MacCandles faz esse “corte” nas expectativas dela, dizendo que “Longe é perigoso” (13:25) (Lanthimos, 2023). Ou seja, até o momento, os dois homens que Bella conhece embora pareçam nutrir um afeto por ela, interrompem a todo momento esse impulso da personagem.

Nessa parte inicial do longa, nas poucas chances que Bella possui de sair de casa, ela possui alguns comportamentos que questionam a expectativa de um exercício de feminilidade projetado no corpo feminino, como na cena em que Mr. MacCandles segura um sapo nas mãos, mostra para Bella e ela mata o anfíbio, (17:18), (Lanthimos, 2023), em um gesto que demonstra uma certa agressividade existente na personagem, que é natural de todo ser humano, mas existindo também uma imposição preexistente e encaixada nos corpos femininos do padrão contrário, de projeção de doçura e ternura.

Nessa parte inicial já é possível compreender por meio da ideia da performance de gênero nos atos repetitivos de Judith Butler (2019), que Bella não se restringe ao que é esperado que ela se comporte e performe nesse contexto de feminilidade. Os atos repetitivos já existem desde quando os seres humanos nascem, estão ali desde então, mas como Bella é vista como um experimento, permite que ela tenha nesse ponto certa flexibilidade em se desenvolver sem relativa influência desses atos repetitivos, pelo menos até a proposta de casamento de Mr. MacCandles.

Quando God explica para Mr. MacCandles como trouxe a personagem de volta à vida, também explica quais os destinos que a esperariam, reformatório, prisão ou hospício, caso a tivesse mantido viva, numa sociedade cristã que trata suicídio como crime. (21:52) (Lanthimos, 2023). Mais uma vez, o longa expõe o recorte histórico e cultural na questão do suicídio e na





questão do gênero, colocado sob controle e quando ocorrem oposições com relação às performances fora do esperado, fora da curva, a ocorrência de punições socialmente.

O longa também aborda em alguns momentos a importante questão sobre a sexualidade da personagem, que se inicia com Bella descobrindo que pode se masturbar e sentir prazer com ela mesma, antes de se relacionar sexualmente com o sexo oposto. Na relação com Duncan Wedderburn a personagem explora essa vontade sexual que possui e as cenas demonstram que a personagem busca também o prazer nesses encontros, não apenas para satisfação ou obrigação com o sexo oposto. Bella indaga Duncan Wedderburn do porque as pessoas não fazem isso (referindo-se ao sexo) o tempo todo, demonstrando uma certa ausência de tabu sobre o assunto.

Nas cenas em que Bella está em sociedade e, portanto, convidada a performar o esperado como traço de gênero atravessado pela cultura e contexto, como nos jantares, e festas, ela acaba tendo comportamentos ditos adversos, como cuspir no prato (49:23), dizer o que vêm à mente, como em assuntos entendidos como tabus, se referindo de forma objetiva ao pênis. (49:56) e expondo a vontade de agredir fisicamente um bebê. (50:08) (Lanthimos, 2023).

Embora claramente o filme se lance no absurdo, nestas cenas Bella se mostra com pensamento bastante livre e sem se prender ao que é esperado que ela faça, ao que é aguardado que ela atue, sem se preocupar em vestir a capa do feminino enquanto ato performativo, o que fica evidente também quando Duncan a questiona quando ela vai se comportar e impõe que ela apenas responda com doçura e educação.

Outro momento em que fica evidente o desejo de Bella em não seguir o esperado enquanto uma jovem mulher da sociedade e atuar como tal, é na cena em que ela começa a dançar descompassadamente e Duncan tenta a todo momento controlá-la e fazer com que ambos dancem como todos no salão estão dançando, enquanto Bella só quer seguir o ritmo da música. (54:50) (Lanthimos, 2023)

Até este momento do longa, é possível perceber que a personagem dá vazão às suas vontades e não se submete ao que a cultura impõe como traço que deve ser realizado, explorando mundo e a si mesma, mesmo sofrendo com algumas sanções e punições sociais como consequência, demonstrando que o gênero não é fixo e sim um conjunto de atos repetitivos e performáticos, que comportam novas representações e formas de atuações, conforme indica Judith Butler (2019).

Durante a viagem de navio, após conhecer Martha e Harry Astley, Bella começa a ler livros que a fazem pensar no mundo e querer mudá-lo. Duncan Wedderburn começa a questionar a intelectualização de Bella, o que acaba modificando o seu jeito de falar -, ela não fala palavras soltas mais, e se comunica de forma sintética, com frases inteiras, deixando de se referir a si mesma na terceira pessoa e passando a se tratar em primeira pessoa-.

Neste ponto já é possível perceber o desenvolvimento ocorrendo na personagem, que vai deixando de se enxergar como objeto de satisfação do outro, seja como experimento de God, seja como objeto de satisfação sexual de Duncan Wedderburn, e passa a se entender como sujeito, constituído de um “Eu”, que incorpora a sua autodeterminação, sua individualidade e subjetividade.

Quando Bella chega à Paris e se prostitui, o fato foi encarado por ela como um experimento, que inclusive faria bem para o relacionamento de ambos, comportamento que demonstra bastante liberdade com o assunto, e totalmente contrário ao que se esperaria de



alguém do gênero feminino. Há o rompimento da relação com Duncan justamente por ela ter se prostituído para conseguir dinheiro e hospedagem para os dois, ficando o advogado furioso pela atitude da personagem, inclusive dizendo que “é a pior coisa que mulheres podem fazer” (01:30:09) (Lanthimos, 2023)

Ao retornar ao bordel, Bella questiona o sistema de escalação das mulheres, expõe o que pensa, isto é, que seria melhor se as próprias mulheres escolhessem o homem que fossem se deitar e que isso seria um sinal de vontade de estar com o parceiro. Nesse ponto, também é possível enxergar como a personagem questiona e tem pensamento crítico sobre como as coisas são, e busca traçar a sua autonomia, tentando mais uma vez não se submeter aos atos, formas e comportamentos esperados.

Da proximidade intelectual e afetiva com Toinette, também prostituta no bordel, Bella descobre novos aspectos da sua sexualidade, diferentes daquilo que conhecia até então, se entendendo como um sujeito detentor de vontades e desejos, distante até certo ponto da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória, podendo ser compreendido como uma das possibilidades performativas de configuração de gênero fora dessas estruturas restritivas. (BUTTLER, 2023)

Caminhando para a parte final do longa, General Alfred Blessington, “Alfie”, marido de Victoria, reaparece na cerimônia de casamento de Bella e Mr. MacCandles. A personagem decide ir com ele, para descobrir como era a vida de Victoria Blessington e entender o porquê ela quis se suicidar. No local Bella se vê presa dentro da própria casa e prestes a sofrer uma mutilação contra a sua vontade, com a cirurgia de remoção do clitóris, entendida como crucial no caso dela, responsável por sua infelicidade e excesso de sexualidade. (02:08:22) (Lanthimos, 2023)

Neste ponto, a questão de gênero se afasta e o que fica evidente além da ideia de posse, da necessidade de controle de “Alfie”, é a possibilidade de ocorrência do crime de lesão corporal, justificado pela possível histeria – que poderia ser analisada à luz da psicanálise, contudo não é o objetivo do trabalho- e pela dominação do marido.

5- Considerações Finais

O objeto da presente pesquisa consistiu em analisar, através da ideia de performance de gênero, as experiências da personagem do filme *Pobres Criaturas*, tendo em vista a estrutura social da época vitoriana, que congloba os aspectos culturais, temporais e linguísticos, mas que ao mesmo tempo, não se restringem somente a este momento.

De maneira geral, buscou-se compreender a interface dos estudos de gênero e a literatura/cinema, através da análise da personagem, entendendo também o direito como um campo amplo de pesquisa e estudos, uma vez que, nas palavras de Joan Scott (p.71, 2019): “[...] a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.”. Dessa forma, pode-se compreender que a política leva ao direito, e, portanto, gênero também constrói o direito e vice e versa.

No filme, durante as cenas em que a personagem Bella Bexter questiona o que deveria fazer, como deveria se comportar, mesmo sem entender, e sem conseguir verbalizar, é possível entender que embora seja inevitável em alguns momentos que ela se desvencilhe dos aspectos de repetição de atos incorporados ao gênero, ao mesmo tempo, quando foge dessa expectativa, também pode ser entendido como um ato de subversão a esses padrões normativos impostos.





Por fim, *Pobres Criaturas*, embora retrate as experiências de vida de uma mulher na era Vitoriana, também se encontra atual e de necessária análise, pois traz à tona uma importante questão política e relacionada ao direito, em que a performance de gênero se impõe e a busca é, dentro do possível, pela vivência com menor interferência desses aspectos, principalmente quando eles se chocam com a necessidade de liberdade e construção da subjetividade.

6- Referências Bibliográficas

BOTTINO, Nathalia. **Crítica Pobres Criaturas**. Disponível em: <<https://www.cinefiloemserie.com.br/2024/02/critica-pobres-criaturas.html>> Acesso em: 10 de abr. de 2024.

BUTTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar, 24^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

_____. **Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FAN, Ritter. **Crítica Pobres Criaturas: Os saltos furiosos de Bella Bexter**. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-pobres-criaturas/>> Acesso em: 14 de abr. de 2024.

MONTEIRO, Lucia. **‘Pobres Criaturas’ com seu maneirismo sádico está longe do feminismo**. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/entretenimento/pobres-criaturas-com-seu-maneirismo-sadico-esta-longe-do-feminismo-1.3339232>> Acesso em: 14 de abr. de 2024.

PISTILLI, Lucas. **‘Pobres Criaturas’: odisseia steampunk regada de curiosidade e loucura**. <https://www.cineset.com.br/critica-pobres-criaturas-yorgos-lanthimos/#google_vignette> Acesso em: 10 de abr. de 2024.

POBRES CRIATURAS. Direção: Yorgos Lanthimos. Produção: Emma Stone. Irlanda: Searchlight Pictures. 2023. 1 DVD. (141 min.).

RECKE, Amanda. **Performatividade de Gênero: Judith Butler e uma crítica à alguns conceitos desenvolvidos pelas teorias feministas tradicionais**. Revista da Graduação da Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM, ano 04. Vol. 07. 2018

RODRIGUES, Carla. **Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n.10 - abr. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SOUZA, Iuri. **Crítica Pobres Criaturas (Poor Things) 2023**. <<https://cinematologia.com.br/cine/critica-pobres-criaturas-poor-things-2023/>> Acesso em 11 de abr de 2024.

VALENTE; SORDI; LIMA. **Performances ou ideologia de gênero? Uma aproximação ao pensamento de Judith Butler**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 51, jan/jun, 2018